INSIGHT

cariquice

publicação trimestral . ano IX . n.36 . jan/fev/mar 2013
ISSN [illegible]-6049

"Vou contar uma história / abra bem os seus olhos pra enxergar com atenção"

apud Sérgio Ricardo

cinelândia paradiso

close no bigode

publicação trimestral . ano IX . n.36 . jan/fev/mar 2013

cariquice

O mundo muda.
E o que o Itaú tem feito para mudar o seu mundo?

Itaú Criança
7 milhões de livros
oferecidos pela **Fundação Itaú Social**. Empilhados alcançariam uma altura superior à da Torre Eiffel.

Cultura
12 milhões
de acessos ao site do Itaú Cultural,
mais de 610 mil pessoas visitaram nossas exposições, 170 mil pessoas foram ao Auditório do Ibirapuera e recebemos nas nossas 56 salas **Espaço Itaú de Cinema** 3 milhões de fãs de cinema.

Comunidades
3,6 mil jovens
foram capacitados pelo Programa Jovens Urbanos da **Fundação Itaú Social**, para atuar como agentes transformadores, encontrando soluções que melhorem suas comunidades.

Desenvolvimento Econômico
3,5 mil
empresários capacitados, por meio do **Seminário Itaú Empresas**, para aproveitar as oportunidades geradas pela Copa. Seria o mesmo que colocar em campo 318 times de futebol formados somente por empreendedores.

Colaboradores
Mais de 97 mil
colaboradores do Itaú
espalhados pelo mundo todo com o objetivo de atuar como agentes de transformação para mudar a vida das pessoas para melhor.

Nosso principal propósito como banco é estimular as mudanças que melhoram a sua vida e o lugar em que estamos. E é por isso que em 2012 nós promovemos todas essas mudanças.

#issomudaomundo

Acesse www.issomudaomundo.com.br

Jovem de Futuro

Mudamos a vida de 400 mil alunos

do ensino médio da rede pública com o programa Jovem de Futuro, do **Instituto Unibanco**. Um número suficiente para lotar uma frota de 10 mil ônibus escolares.

Educação Financeira

3 milhões de pessoas

receberam dicas sobre o **uso consciente do dinheiro**. Esse número é equivalente à 38 estádios do Maracanã lotados de pessoas que receberam orientações para usar bem o dinheiro.

Mobilidade Urbana

1,4 milhão de viagens

feitas por nossas **laranjinhas** no Rio e em São Paulo. Isso é 7 vezes o número de voos do aeroporto de Congonhas por ano.

Itaucard

5,250 milhões de momentos de diversão compartilhados.

Esse foi o número de ingressos que rachamos com as pessoas em cinema, futebol, teatro e parques.

Conexão

Nos conectamos e trocamos ideias com milhares de pessoas.

- **4,1 milhões de fãs*.**
- **105.288 seguidores*.**
- **38.870.296 views*.**
- **3.101 fãs*.**

O Itaú tem **3 milhões** de buscas realizadas em média por mês.

Em pesquisas de mercado escutamos **7.462.689** pessoas*.

*Dados até 31/12/2012.

Microcrédito

R$ 24 milhões

financiados para microempreendedores. Mais do que viabilizar empréstimos, nossos agentes do **Itaú Microcrédito** ajudam pessoas das comunidades a estruturarem seus negócios.

Itaú. Feito para você.

Itaú

AFRICA

Todos os dados mencionados neste anúncio são referentes a ações que ocorreram no ano de 2012. As fontes utilizadas são internas e externas.

sumário

carioquice

Nº 36 JANEIRO/FEVEREIRO/MARÇO DE 2013
ISS 1981-6049

É som, é sal, é mar

6 Bênção, vó do samba!

12 Se acaso você voltasse

Saga carioca

16 Vai filmar, Bigode!

26 Milhazes anos-luz

Do bem comer e melhor beber

30 Pra lá de Babá, pra cá de Ali

Causos & letras

34 Teu nome é notícia

Magia do olhar

40 Solidão, que nada

Cidade maravilhosa

50 Que mistérios tem Mourão?

56 No tempo das tesouras

Embaixador do Rio

60 Aplausos para a arte
Por João Maurício de Araújo Pinho

expediente

DIRETOR
Ricardo Cravo Albin

DIRETORA-ASSISTENTE
Maria Eugênia Stein

EDITOR RESPONSÁVEL
Luiz Cesar Faro

EDITORA EXECUTIVA
Vera de Souza

REPÓRTER
Kelly Nascimento
Mônica Sinelli

DESIGNERS
Marcelo Pires Santana
Paula Barrenne de Artagão

FOTOGRAFIA
Adriana Lorete & Marcelo Carnaval

PRODUÇÃO GRÁFICA
Ruy Saraiva

REVISÃO
Cecilia Mattos Setubal
Denise Scofano Moura

CAPA
Adriana Lorete

IMPRESSÃO
Walprint

CONSELHEIROS E AMIGOS DE CARIOQUICE

- Afonso Arinos de Mello Franco
- Alfredo Marques Viana
- Ancelmo Gois
- Amaro Enes Viana
- Ana Arruda Callado
- Anna Letycia
- Boni
- Celina Borges Torrealba Carpi
- Chico Caruso
- Cicero Sandroni
- Claudia Fialho
- Darc Costa
- Daniel De Plá
- Eva Mariani
- Francis Hime
- Francisco Horta
- Henrique Luz
- Humberto Eustaquio Mota
- Jaguar
- Jerônimo Moscardo
- Jerson Lima
- João Mauricio de Araújo Pinho
- Joaquim Ferreira dos Santos
- Joel Nascimento (do bandolim)
- Jomar Pereira da SIIva
- José Louzeiro
- José Viegas Filho
- Júlio Bueno
- Júlio Lopes
- Lan
- Leonel Kaz
- Lilibeth Monteiro de Carvalho
- Lucy Barreto
- Luis Fernandes
- Luiz Alfredo Salomão
- Luiz Antonio Viana
- Luiz Antonio Guaraná
- Luiz Carlos Barreto
- Luiz Carlos Lacerda (Bigode)
- Luiz Cesar Faro
- Lula Vieira
- Malvina Tuttman
- Marcelo Carnaval
- Marco Antonio Bologna
- Marcílio Marques Moreira
- Marco Polo Moreira Leite
- Marcos Faver
- Maria Beltrão
- Mário Priolli
- Martinho da Vila
- Nelida Piñon
- Neville d'Almeida
- Noca da Portela
- Octávio Melo Alvarenga ✞
- Olívia Hime
- Oscar Niemeyer
- Paulinho da Viola
- Paulo Fernando Marcondes Ferraz
- Paulo Roberto Menezes Direito
- Philip Carruthers
- Raphael de Almeida Magalhães ✞
- Rosiska Darcy de Oliveira
- Ruy Castro
- Ruy Garcia Marques
- Tito Ryff
- Verônica Dantas
- Vivi Nabuco
- Wagner Victer
- Wanderley Guilherme dos Santos
- Zelito Viana
- Ziraldo

REDAÇÃO E PUBLICIDADE
Insight Engenharia de Comunicação & Marketing

RIO DE JANEIRO
Rua do Mercado 11 / 12º andar
Cep 20010-120 · Tel: (21) 2509.5399 · Fax: 2516.1956
email: insight@insightnet.com.br

SÃO PAULO
Rua Bela Cintra 746 / con.71 · Consolação
Cep 04571-090 · Tel/Fax: (11) 3284-6147
email: insightsp@insightnet.com.br

www.insightnet.com.br

Carioquice é uma publicação do
Instituto Cultural Cravo Albin (ICCA)
Av. São Sebastião, 2 Cobertura · Urca
Cep 22291-070 · Rio de Janeiro, RJ · Tel: (21) 2542.0848
email: icca@veloxmail.com.br
www.dicionariompb.com.br

www.carioquice.com.br
Email: carioquice@carioquice.com.br

OI.COM.BR

A OI LEVA PARA A ANTÁRTICA ALGO MUITO MAIS IMPORTANTE QUE TECNOLOGIA E INFRAESTRUTURA. CALOR HUMANO.

A OI FOI ATÉ A ANTÁRTICA PARA GARANTIR QUE TODOS SE COMUNIQUEM. COM A MARINHA DO BRASIL, COM OS CENTROS DE PESQUISA E TAMBÉM COM AS SUAS FAMÍLIAS.

nbs

A Oi implantou na Antártica uma infraestrutura de telecomunicações especialmente adaptada para suportar as adversidades climáticas do local. Serviços integrados de voz, dados, internet, telefonia móvel e recepção de sinal de TV. Assim, garantiu a conectividade dos militares e pesquisadores instalados na base e agilidade na comunicação dentro e fora da Estação Antártica Comandante Ferraz. Graças à Oi, ficou para trás o tempo em que o nome Antártica e a palavra isolamento tinham alguma relação.

Marinha do Brasil
PROTEGENDO NOSSAS ÁGUAS

Ministério das Comunicações

Ministério da Defesa

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
PAÍS RICO É PAÍS SEM POBREZA

Esquina do Ricardo

MPB para crianças

Nada mais estimulante que a história da música popular do Brasil para definir as várias qualificações da alma do povo miscigênico que nós somos.

Tanto as letras das músicas quanto a diversidade inebriante de seus ritmos permitem a qualquer pessoa um mergulho em profundidade na alma poliforme e descontraída, alegre ou romântica, cafusa ou mulata, simples ou por vezes mais sofisticada desta nossa "civilização tão própria e original" que representa a nação.

De mais a mais, e insisto, as letras (sobretudo elas) inferem toda uma conexão muito conveniente da literatura e da história do país, de modo muito direto e muito simples. E nossos ritmos — o cadinho mágico dos gêneros musicais — exibem opulentamente a magia da ginga, da dança, da sensualidade, e até da ingenuidade de um povo argamassado, quer pela mistura das três raças formadoras (a índia, a branca e a negra), quer pela capacidade de surpreender ao absorver e amalgamar os estrangeirismos que nos chegam além das fronteiras, deglutindo-os com uma sofreguidão inebriante e quase sempre surpreendente.

Por tudo isso, clamo de há muito que não há nada mais eficaz do que ensinar-se nas escolas municipais e estaduais do país esta história. Mas, vejam bem, a saga da MPB, essa maturada trajetória que nos povoa há séculos (sendo que o último, o século XX, foi verdadeiramente consolidador e definidor) e que resume como poucas outras a grandeza da civilização brasileira. Sempre descontraída e fraterna.

É verdade que aqui e acolá a gente vê e sabe de notícias esparsas de tentativas de introduzir-se a música nas escolas de primeiro e de segundo graus. Não bastam aulinhas de violão ou de coral. Ou meras oficinas de percussão, de violino ou mesmo formações de orquestras de música erudita, como estão em moda, sobretudo as últimas.

Atentem para um detalhe: é fundamental que se estabeleçam os parâmetros dessa riquíssima história, a de seus míticos personagens e a dos seus gêneros musicais, que rolam por dezenas de décadas a fio.

Até porque, para que as crianças do primeiro e do segundo graus possam se interessar por ela, é necessário — eu diria obrigatório — que a verdade do que existe hoje em MPB possa ser exemplarmente qualificada. Se agora — neste século XXI — nós temos o que temos é porque tivemos origem e fôlego suficientes para chegar até aqui. Bem ou mal. A meu ver, muito bem.

A cachaça que é uma verdadeira obra de arte.
O Sr. Guilherme Müller Filho, carinhosamente conhecido como Seu Ézio, fez da arte de destilar seu maior prazer e transformou a marca 51 na mais reconhecida cachaça do mundo. Dono de um paladar apurado, desenvolveu uma cachaça 100% envelhecida em barris de carvalho, perfeita em sabor, equilíbrio e cor, para fazer parte de seu acervo pessoal. Assim nasceu a Reserva 51, uma verdadeira obra de arte que se manteve em segredo por muitos anos e que agora, depois do falecimento de seu criador, chega ao mercado em tiragem limitada. Prepare-se para degustar com todos os sentidos cada detalhe desta obra-prima.
BEBA COM MODERAÇÃO
BRASIL
51
RESERVA
51
CACHAÇA EXTRA PREMIUM
100% Envelhecida em
Barris de Carvalho
700ml
Indústria Brasileira
www.reserva51.com.br

Bênção, vó do samba!

POR ROSA CASS

Quando Clementina de Jesus, na década de 1960, soltou sua poderosa voz no emblemático show "Rosa de Ouro", acompanhada de figuras que se tornaram históricas no samba, como Paulinho da Viola, Nelson Sargento, Elton Medeiros e outros, todos exclamaram "ah!" emocionados. No palco, uma delicada estátua de ônix com voz de porcelana fina, mexendo com colher de pau um panelão de joias preciosas da MPB. Vó Maria veio agora, para explicar de vez que maxixe não é samba.

Duas décadas e meia depois, num casarão da Urca, Ricardo Cravo Albin, escritor, produtor e homem da cultura, faz uma festa para inaugurar a sede do Instituto Cultural Cravo Albin (ICCA), do qual é presidente, e convida o que há de mais importante em matéria de música popular brasileira — artistas, admiradores, compositores, jornalistas e produtores culturais — para apresentar uma jovem de 92 anos e seu primeiro e precioso disco: Vó Maria e *Maxixe não é samba*. Nele, a estreante mais velha no cenário musical do mundo (alô Guiness!) soltava sua voz poderosa e interpretava clássicos do repertório do samba brasileiro, inclusive *Pelo telefone* — primeiro samba a ser gravado no Brasil, em 1917 —, de Donga, seu terceiro marido, e de quem enviuvou após

Primeiro disco de Vó Maria, aos 92 anos

15 anos de um casamento feliz, segundo ela.

Ricardo Cravo Albin se diz honrado ao lembrar o evento, em que editou, junto com o MinC, o CD de Vó Maria, produzido por Marília Barbosa e com direção musical de João de Aquino, em 2003. "É preciso resgatar valores como Vó Maria, que representa uma inesquecível referência cultural para este país, por vezes ingrato com a memória, especialmente de artistas do povo e dos negros", observa o pesquisador, e pondera: "Ela é viúva de Donga, que assinou o primeiro samba, embora amaxixado, o até hoje antológico *Pelo telefone*, em 1917. Mas não só, porque Vó Maria viu, participou e cantou (nunca profissionalmente, contudo) quase de tudo de lá para cá." Para Cravo Albin, Vó Maria deveria ter gravado a partir dos 20 anos, "registrando sua voz numa bolacha de cera feita em gravação mecânica".

O Presidente do Instituto Cravo Albin é um observador privilegiado do talento da cantora, pois ela se apresentava regularmente nas rodas de samba do Museu da Imagem e do Som (MIS) do Rio de Janeiro, quando ele presidia a instituição. E lá, Maria das Dores Santos Conceição (Vó Maria), nascida em Mendes mas vivendo no Rio até hoje, fez diversos shows coletivos, junto com outros ícones, como Dona Ivone Lara e Tia Eulália.

Mesmo sem caráter profissional, Vó Maria nunca deixou de participar de shows e festivais; a idade nunca a tolheu nem impediu de fazer parcerias com o pessoal jovem, como Mart'nália, no show e projeto *Da idade do mundo*, no Centro Cultural Banco do Brasil, em Brasília. Também junto com Tânia Malheiros atuou no projeto *Clássicos do samba*, no Teatro Municipal de Niterói, no Rio de Janeiro e, acompanhada pelo grupo Passagem de Nível, cantou no projeto *Choro na Praça*, em Mendes, onde nasceu.

Tudo isso em 2004. Com um bônus para Vó Maria, digamos assim. Na ocasião, ela recebeu a homenagem da Fundação Cultural de Mendes,

Mariza Lima

cidade onde nasceu, pelo projeto *Flores em vida*, e se sentiu muito feliz com o reconhecimento dos seus conterrâneos. Mas Vó Maria continuou suas apresentações no ano. Ao lado de Dorina, no projeto *Na descendência do samba*, no Estudantina Café, numa roda de samba comandada pelos jovens Diogo Nogueira (filho de João Nogueira), Marcel Powell (filho do violonista Baden Powell) e Zé Inácio (filho de Zé Catimba).

Disco faz história

Pode-se dizer, de acordo com especialistas, que a gravação do CD *Maxixe não é samba*, na voz de Vó Maria, em 2003, é de importância fundamental, na medida em que resgata a memória de compositores que deixaram seu nome no imaginário dos clássicos e eternos sambas, como Heitor dos Prazeres (*Mulher de malandro*), Noel Rosa (*Com que roupa*), João da Bahiana (*Cabide de molambo*), Pixinguinha e Gastão Viana (*Yaô*), entre 13 faixas do mais puro ritmo.

Vó Maria com Pixinguinha e Donga

Acervo ICCA

Ricardo Cravo Albin, presidente Instituto Cultural Cravo Albin (ICCA), fez uma festa para apresentar uma jovem de 92 anos, Vó Maria, e convidou o que há de mais importante em matéria de música popular brasileira – artistas, admiradores, compositores, jornalistas e produtores culturais

Acervo ICCA

"As decepções, sempre soube que fazem parte da vida e por isso não é preciso se abalar, perdoando a quem tem que perdoar, pois mágoa e rancor só fazem adoecer."

A gênese desse disco, produzido por Marília T. Barbosa, biógrafa de Cartola, Caymmi e Paulo da Viola, entre outros, e arranjos e direção musical de João Aquino, outro grande admirador da sensibilidade musical de Vó Maria, aconteceu porque a cantora, ao completar 92 anos, brindou os seus admiradores com o show *Maxixe não é samba*, no bar Dama da Noite, com o repertório que foi usado depois na gravação. Conforme relata Cravo Albin, "e só pôde ser feito porque o Ministério da Cultura, através da Secretaria de Música e Artes Cênicas o alavancou e o abrigou". Em 22 de setembro de 2003, completa, o CD de Vó Maria foi lançado oficialmente na Sala Cecília Meirelles, no Rio de Janeiro, em show que reuniu diversos convidados, entre os quais Nelson Sargento, Xangô da Mangueira, Beth Carvalho, Diogo Nogueira, Eliane Faria e Áurea Martins, com arranjos e direção musical de Aquino, mais Cravo Albin na direção geral e na apresentação.

Ainda a propósito da gravação do CD, Sonia Regina Santos Oliveira, a Soninha, neta com quem a cantora mora e de quem recebe toda a assistência, conta que foram momentos de beleza vendo Vó Maria ouvindo sua voz colocada nas faixas, na companhia de sua filha de coração, Lygia dos Santos, filha de Donga, e de seus netos e bisnetos fazendo coro em *Pelo telefone*.

Agora, programado para abril e exatos dez anos depois, o Instituto Cultural Cravo Albin espera relançar o CD *Maxixe não é samba*, ao mesmo tempo que inaugura uma exposição sobre Vó Maria na sede do ICCA. A cantora está muito contente com a segunda edição do CD, que foi patrocinado por ela. Vó Maria fez questão de pagar os direitos autorais de todos os compositores cujas músicas gravou e deseja fazer o circuito próprio, relançando o disco nos espaços pelos quais tem um afeto muito grande, caso do Instituto Cravo Albin. Inclusive, já está se aprontando para as muitas badalações por ocasião do lançamento no ICCA.

Esse evento agrada à Vó Maria, que o espera bem animada, segundo Soninha: "A Vó Maria gravou aos 92 anos, e foi um marco em sua vida e de nossa família", diz. "Acredito ter sido a estreia

da cantora com mais idade, no Brasil, a gravar samba. Sua voz é linda e forte e não é coisa de neta coruja não (risos). Ela sempre canta o *Pelo telefone*, em deferência à importância da obra e, naturalmente, aos autores.

Segundo Soninha, Vó Maria teve muitas alegrias vindas do samba: "As rodas de samba nos aniversários de Donga em sua casa, ver as pessoas que passaram por lá, bem jovens, como Martinho da Vila, Clara Nunes, João Nogueira, Gisa Nogueira, cantar com os bisnetos, filhos daqueles que por lá passaram, como Mart'nália, Diogo Nogueira, e tantos outros; assistir e cantar com o seu bisneto Felipe Santos e o Grupo Samba Urbano e ser acompanhada pelo neto Marco Basílio, e cantar nas rodas de samba do Museu da Imagem e do Som (MIS)." Conta, também, que Vó Maria ganhou o registro de cantora profissional por unanimidade, da Ordem dos Músicos, e se orgulha disso, pois a aprovação foi depois de ela gravar seu CD.

Quanto às decepções, Vó Maria mostra-se sábia: "As decepções, sempre soube que fazem parte da vida e por isso não é preciso se abalar, perdoando a quem tem que perdoar, pois mágoa e rancor só fazem adoecer." Ainda conforme Soninha, a maior alegria de Vó Maria era sua filha Nilza Santos Oliveira, a Cachucha, sempre muito especial, comunicativa, sensível e alegre como a mãe, que lhe deu dois netos, Sonia Regina e Walter Luiz, os quais ajudaram-na a seguir em frente, junto com os bisnetos, de quem se orgulha: Dara, Aisha e Rudá, filhos de Walter e Ana.

Cozinheira de forno e fogão

Boa quituteira, Vó Maria não só come bem e com prazer como é uma excelente cozinheira. Criativa, sempre ávida por aprender pratos novos ou que tenha degustado em restaurantes ou feitos por um neto, aprecia, uma vez por semana, um feijão fardado, nome com que Vó Maria chama o feijão com algumas carnes de feijoada, acompanhado de arroz branco apenas cozido, farofa e chuchu. Em compensação, conta Soninha, para a família, o prato superespecial feito por Vó Maria é a carne assada recheada com linguiça, acompanhada de souflé de legumes e arroz branco: "Ela sabe o que cada neto gosta e quando os recebe, ou vai visitá-los, leva o quitute preferido deles."

A história do casamento de Vó Maria com Donga (o terceiro para ambos) já é conhecida, aproximados pelas filhas dos dois Lygia Maria e Nilza, amigas desde os 12 anos no Colégio Guanabara. O que talvez seja menos conhecido é por que, tendo a voz tão bonita, Vó Maria não cantava na época: "Cantar pra quê?" respondia Donga, a quem perguntava.

O futuro a Deus pertence, garantem os livros, mas há pessoas que, mesmo assim, gostam de seguir planos, ou realizar desejos. Vó Maria parece ser uma dessas, "guerreira, amorosa, independente, empreendedora, segura de si, focada, uma mulher além do seu tempo", como destaca orgulhosa Soninha.

Se acaso você voltasse

por Kelly Nascimento

Com quantos palitos de fósforo se faz um bom samba? No caso de Cyro Monteiro, com uma caixa inteira. No ano em que completaria 100 anos, esse ícone do samba sincopado é lembrado com diversas homenagens. Como não poderia ficar de fora, Carioquice presta aqui sua singela homenagem ao eterno maestro da Caixinha, copioso verbete do Dicionário Cravo Albin.

Nascido no subúrbio carioca, no bairro do Rocha, Cyro cresceu num ambiente musical. Era sobrinho de Romualdo Peixoto, o famoso Nonô. Também conhecido como o "Chopin do samba", tocava com Sílvio Caldas. A casa da família Monteiro era endereço preferencial para os ensaios da turma.

Logo o pequeno Cyro integrou-se às jam sessions: em duelo com o irmão Careno (em uma família de nove irmãos, todos com nomes começados com "C"), cantava sempre que podia nas festas, numa espécie de *cover* de Sylvio Caldas ou de Luiz Barbosa. Até que, num desses lances de sorte, surgiu a oportunidade de substituir, a pedido de Caldas, Luiz Barbosa numa apresentação no *Programa Casé*, da Rádio Phillips, em 1933. Cyro, que já conhecia o repertório de cor, tirou de letra.

Um ano depois, Cyro já tinha seu próprio espaço, no Programa das Donas de Casa, da Rádio Mayrink Veiga. Lá, cantou ao lado de Carmem Miranda, Francisco Alves, Mário Reis, Noel Rosa e Custódio Mesquita, entre outros grandes nomes. Nessa época, inventou um estilo que se tornaria sua marca registrada: o som tirado de uma caixinha de fósforos. Sucesso absoluto.

"Pouca gente sabe, mas Cyro Monteiro participou da gravação original da antológica marchinha *Mamãe eu quero*, de Jararaca e Vicente Paiva, em 1936. A canção foi a febre do carnaval de 1937", recorda Ricardo Cravo Albin, fundador do ICCA. O ano de 1937 lhe renderia outros bons frutos: Cyro lançou seu primeiro grande sucesso, *Se acaso você chegasse*, samba de Lupicínio Rodrigues e Felisberto Martins.

E por aí foi trilhando seu caminho distinto na história da MPB. Gravou duetos com Odete Amaral, com quem foi casado muitos anos e que lhe deu o filho Cyrinho, e cantou ao lado de Orlando Silva, Elizeth Cardoso e Clementina de Jesus, só para citar alguns nomes.

Sua investida no mundo das artes não se

RCA
VIK
DE LEVE
CIRO MONTEIRO & JORGE VEGA
CYRO MONTEIRO
ATLANTIC
CIRO
MONTEIRO
O CANTOR
DAS MIL
E UMA FÁS

limitou à música. Em 1956, participou de montagem do espetáculo *Orfeu da Conceição*, de Vinicius de Moraes. Encenou o papel de Apolo, pai de Orfeu, no Theatro Municipal. Nascia ali uma admiração dupla. O poetinha considerava Cyro "o maior cantor popular brasileiro de todos os tempos". Sobre o amigo, declarou: "Uma criatura de qualidades tão raras que eu acho improvável qualquer de seus amigos não haver dito, num dia de humildade, que gostaria de ser Cyro Monteiro. Pois Cyro, pra lá do cantor e do homem excepcional, é um grande abraço em toda a humanidade." Ricardo Cravo Albin lembra do apelido "Formigão", forma carinhosa com que os amigos chamavam o cantor. "Eu brincava com ele: você é o único formigão-tamanduá, pois só o tamanduá abraça!", recorda.

Na opinião de Cravo Albin, Formigão foi uma figura inesquecível para todos os amigos. "Eu, por exemplo, recebia Cyro Monteiro em casa para pequenos jantares ou grandes drinks. Cyro me pareceu sempre uma pessoa muito educada e muito atenta às voltas e origens da música brasileira. Lembro-me de que ele falava com muito respeito de seus colegas cantores — como Francisco Alves, Silvio Caldas, Carlos Galhardo e Orlando Silva. Quando eu dizia que ele era o maior sambista brasileiro, ele retrucava: muito maior que eu sempre foi esse quarteto!"

Chamado de "O cantor das mil e uma fãs" por todos os seus admiradores, era torcedor do Flamengo, mas um flamenguista de quem até mesmo os "adversários" gostavam. Um episódio envolvendo Chico Buarque ilustra bem o espírito de Cyro Monteiro. Por conta de seu célebre entusiasmo pelo Flamengo, na ocasião do nascimento da primeira filha de Chico Buarque e Marieta Severo, em 1969, enviou de presente

Ilmo. Sr. Ciro Monteiro ou Receita pra virar casaca de neném

Chico Buarque/1969

Amigo Ciro
Muito te admiro
O meu chapéu te tiro
Muito humildemente
Minha petiz
Agradece a camisa
Que lhe deste à guisa
De gentil presente
Mas caro nego
Um pano rubro-negro
É presente de grego
Não de um bom irmão
Nós separados
Nas arquibancadas
Temos sido tão chegados
Na desolação

Amigo velho
Amei o teu conselho
Amei o teu vermelho
Que é de tanto ardor
Mas quis o verde
Que te quero verde
É bom pra quem vai ter
De ser bom sofredor
Pintei de branco o teu preto
Ficando completo
O jogo de cor
Virei-lhe o listrado do peito
E nasceu desse jeito
Uma outra tricolor

para o bebê uma camisa rubro-negra. Chico respondeu à provocação do amigo compondo a canção *Ilmo. Sr. Cyro Monteiro ou Receita para virar casaca de neném*.

Formigão já havia feito tamanha gentileza com o jornalista e compositor Sérgio Cabral, vascaíno roxo, por conta do nascimento, em 1963, de Sergio Cabral Filho. Não à toa, o governador do Rio recentemente anunciou que decidiu batizar uma escola de "Cyro Monteiro", em homenagem ao inesquecível músico.

Outra paixão de Cyro era a Mangueira, homenageada no samba *Sei lá, Mangueira*. Em dueto com a amiga Elizeth Cardoso, com quem gravou o célebre LP *A Mangueira é tão grande/ Que nem cabe explicação*, sempre acompanhado da indefectível caixinha de fósforo.

E o DNA da música definitivamente fala mais alto na família. Prova disso é um primo de Cyro, que até hoje encanta multidões: Cauby Peixoto. Nesse caso, o parentesco quase atrapalha: "Acabei criando um complexo por causa do meu primo, não tinha coragem de cantar samba perto dele", recorda.

Cyro, que também foi compositor de alguns sucessos, faleceu aos 60 anos, no Rio, em 1973. Suas últimas gravações foram lançadas postumamente no LP *Toquinho, Vinicius e Amigos*, um ano depois de sua morte.

O poetinha considerava Cyro "o maior cantor popular brasileiro de todos os tempos"

Vai filmar, Bigode!

por **Mônica Sinelli**

Com apenas 10 anos de idade, Luiz Carlos Lacerda de Freitas, filho de Aimée Stella, de família pertencente ao baronato do café no interior do estado do Rio, e de João Tinoco, empresário do ramo da heliografia em fase de declínio financeiro, vai pela primeira vez a um festival de cinema, no lendário hotel Quitandinha, em Petrópolis. A vida que segue é um filme sobre doces transgressões e humanismo desenfreado. O longa-metragem permanece em cartaz com sucesso!

Estamos em meados da década de 1950, e o garoto já está acostumado à circulação em casa, numa efervescente Copacabana, de artistas, intelectuais e iniciantes no métier, como Nelson Pereira dos Santos e Alex Viany. São amigos de seu pai, um comunista de carteirinha tão encantado pela Sétima Arte a ponto de ter passado a produzir filmes, destacando-se *Almas adversas* (1948), com direito a roteiro do escritor Lúcio Cardoso e à participação inaugural de Bibi Ferreira na telona. É um dos fundadores, na companhia de Oscar Niemeyer, Pedro Pomar e do fotógrafo Ruy Santos, da Liberdade Filmes, produtora braço do Partido Comunista e que realiza um documentário sobre o comício de Prestes no estádio do Pacaembu (SP).

Na rua Fernando Mendes, onde a família

Ruy Santos

Luiz Carlos Lacerda no colo do pai, João Tinoco, na praia de Copacabana

Leo Lara

Bigode com seus alunos da Oficina de Realização da Mostra de Cinema de Tiradentes

mora, bombam as boates da hora — Cangaceiro, Maxim's e Scotch Bar, do qual vê sair Nat King Cole. À entrada do Copacabana Palace, vislumbra a diva Ava Gardner. No auge da Bossa Nova, bate ponto aos domingos na *jam session* do Little Club, que permite o ingresso da garotada até 22h. Na saída do Le Rond Point, observa a circulação de gente como Sérgio Porto e as Certinhas do Lalau, Dolores Duran, Ilka Soares, Danuza Leão, Antônio Maria e Sylvinha Telles. O glamour no sereno contrasta com os tempos de dificuldades em casa. Entre um filme e outro, João Tinoco alterna altos e baixos monetários — atrasos na mensalidade do colégio caro, ameaça de despejo —, o que leva Aimée a não ver com bons olhos as investidas do marido no cinema.

Enquanto isso, Luiz Carlos comparece a tudo quanto é pré-estreia e não perde uma chanchada, embora, ante a precária situação doméstica, ainda não pense em fazer cinema. Como escreve muito, inclusive poesia (que recebe elogios de Jorge Amado), e tem avô e bisavô poetas, acredita que trilhará o caminho das letras e que poderá viver de jornalismo. Aos 14 anos, conhece Leila Diniz, na Galeria Vila Rica, em Copa, durante o lançamento de uma antologia de novos poetas da qual faz parte. Em paralelo, aos 17, entra para o PC, como Secretário de Agitação e Propaganda do Comitê Distrital Sul, organizando manifestações em favelas. A precoce militância política, em época de Cinema Novo e Bossa Nova, divide espaço com a noite de Ipanema na companhia da nova amiga. De preferência no célebre bar Jangadeiros, onde os dois adolescentes leem

Ruy Santos

Em 1965, com a atriz Irma Alvarez, em Arembepe (BA), no set de *Onde a terra começa*

Arquivo Pessoal

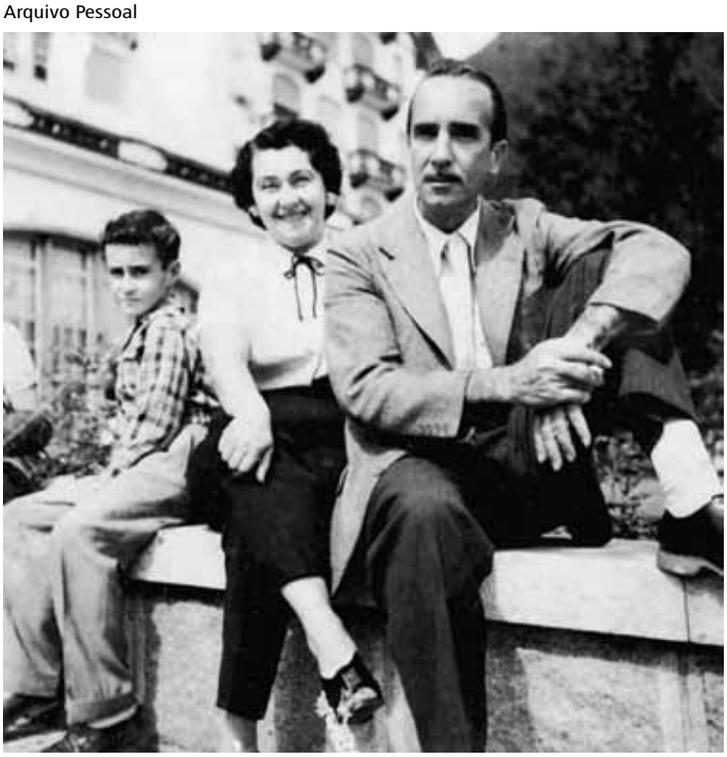
Manipulando a Arriflex, em 1974

poemas para frequentadores ilustres, a exemplo de Tom Jobim e Vinícius.

No velho e bom Janga, conhece Lúcio Cardoso, que o apresenta a Clarice Lispector. Em 1964, com o golpe militar, precisa fugir para não ser preso e se esconde num apartamento em Santos, sob o codinome de Lucas. De volta ao Rio, deprimido, interrompe o estudo oficial. Vira autodidata e — além de fazer os cursos básico, médio e de Filosofia do PC — ouvinte do Instituto Superior de Estudos Brasileiros (Iseb) e, portanto, de professores do porte de Nelson Werneck Sodré, Roland Corbusier, Darcy Ribeiro e Leandro Konder.

O pai já não faz mais cinema. Ciente da falta de perspectivas do filho do amigo Tinoco, Ruy Santos convida Luiz Carlos para ir à Bahia trabalhar como assistente de direção em seu *Onde a terra começa*. "Por que não experimentar? Minha mãe ficou desesperada! Nossa! Mais um! Gostei do dia a dia no set, aquela aventura; a equipe morava numa aldeia de pescadores, em Arembepe, perto de Salvador. Mas não sabia ainda se era isso que eu queria fazer na vida", reporta. A decisão vem

Arquivo Pessoal



Com os pais no Fest de Cinema de Petrópolis/Hotel Quitandinha, em 1955

Rogerio Noel

Em 1969, no filme *Azyllo muito louco*

Arquivo Pessoal

Sua mãe, Aimée Stella

Zeca Guimarães

Durante as filmagens de *For all – O trampolim da vitória*, em 1997

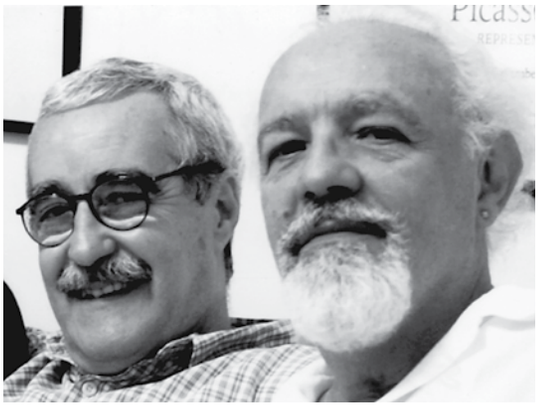
Carlos Penafiel

Arduino Colasanti e Leila Diniz em *Fome de amor*, de Nelson P. dos Santos

Zeca Guimarães

Filmando *For all – O trampolim da vitória*, nu com os atores

Alisson Prodlik



Em seu aniversário, com Ney Latorraca, em 2010

no ano seguinte, 1967, em que realiza o documentário *Odoia-67*, sobre a festa de Iemanjá, com entrevistas de Jorge Amado e Olga do Alaketo. E procura um já consagrado, por *Vidas secas*, Nelson Pereira dos Santos — outro companheiro do pai, produtor de *Rio 40º*, "que inaugura uma nova maneira de se filmar no Brasil, inspirada no neorrealismo italiano" — para exercer a mesma função no filme *El justicero*. "Nelson me passou a paixão pelo cinema, o prazer de filmar, de contar histórias — coisa que nos move até hoje." Durante o trabalho, baseado em texto de João Bethencourt e que lança o galã Arduíno Colasanti e Adriana Prieto, se torna também o Bigode, aposto que, para distingui-lo de outro Luiz Carlos Lacerda presente na equipe, acompanha para todo o sempre seu nome de batismo.

> "Nelson Pereira dos Santos me passou a paixão pelo cinema. O prazer de filmar, de contar histórias – coisa que nos move até hoje"

nasce o primeiro longa

Em 1968, morando no mítico Solar da Fossa, onde hoje funciona o Shopping Rio Sul, e ainda com uma atividade política, é preso às vésperas da decretação do AI-5 e torturado no Doi-Codi, de onde sai uma semana depois. No ano posterior, volta a colaborar com Nelson em *Azyllo muito louco*, rodado em Paraty. Trabalho acabado, diretor e assistente permanecem na cidade histórica — uma maneira de se manterem afastados da violência e da repressão no Rio, quando os amigos estavam sendo presos e exilados.

Durante o intervalo de resistência em Paraty, a dobradinha se repete em *Como era gostoso o meu francês* (1970). Nelson cede as sobras de negativos do futuro clássico do cinema nacional para que Bigode faça sua própria obra autoral. Com equipamentos e locações emprestados e atores arregimentados na base da cooperativa, produz o primeiro longa, *Mãos vazias*, adaptação do romance homônimo de Lúcio Cardoso e que conta a história de uma mulher que rompe com seu tempo. No elenco, Leila Diniz, Arduíno Colasanti e Ana Maria Magalhães. Será o último filme de Leila, que morre em 1972 num desastre de avião após apresentá-lo na Austrália,

"O ponto em comum entre meus filmes está na preocupação com o elemento transgressor na sociedade brasileira"

onde ganha o Troféu Cruzeiro do Sul de melhor atriz do Festival Internacional de Adelaide.

Os tempos são de movimento hippie, contracultura, sexo livre, aditivos lisérgicos, desbunde geral — o que abrange a promoção, por parte de Bigode, cicerone do francês no *underground* carioca, do inusitado encontro entre Michel Foucault e o lendário Madame Satã, num cabaré da Lapa. A amizade com Fauzi Arap, diretor de shows de Maria Bethânia, introduz em *Drama*, espetáculo da cantora em 1973, um texto que ficará bem conhecido: "mora comigo na minha casa um rapaz que eu amo. Aquilo que ele não diz, porque não sabe, vai me dizendo com o seu corpo que dança para mim..."

o sonho acabou

A morte de Leila Diniz, porém, representa um

Arquivo Pessoal

No Corcovado, com Gilberto Gil, Sonia Dias e Jards Macalé, 1972

Zeca Guimaraes

***For all*, o grande premiado do Festival de Gramado (1997). Com Buza Ferraz e equipe**

golpe duro demais e deflagra um choque radical, rompendo a bolha de ilusões. A luta revolucionária não vingara, o moralismo da esquerda conservadora desintegrava os ideais libertários e a contracultura, embalada pelas drogas pesadas, assumia o espectro da morte de diversos amigos por *overdose*. Bigode se afasta da vida louca de Ipanema e vai morar numa vila em Botafogo.

Pelas mãos de Fauzi Arap, revê Clarice Lispector. E comenta o desejo de fazer um curta sobre o seu conto *O ovo e a galinha*. A escritora não só vibra com a ideia, como sugere soluções psicodélicas, impossíveis de serem reproduzidas pela tecnologia de antanho: cena toda em preto e branco, com uma gema colorida passando por algumas cabeças na avenida Rio Branco e pingando em alguns transeuntes que, de súbito, se tornam douradas. Bigode deixa a imaginação delirante de Clarice viajar e, só depois, a conduz à real. O fato é que o projeto não vai adiante — só se concretiza em 2003, dirigido pela sobrinha da autora, Nicole Algranti, aluna do cineasta na Universidade Estácio de Sá, onde ele passa a lecionar em 1999.

Nesse ínterim, em 1979, dirige Odete Lara, Paulo Villaça e Carlos Alberto Riccelli em *O princípio do prazer* (de sua própria autoria, junto com Raymundo Higino, e "uma metáfora apresentada por meio de uma família que mantém uma relação incestuosa entre irmãos para falar de minorias, contra o conservadorismo"), lançado pela Embrafilme. Nos idos de 1982, é indicado por Luiz Carlos Barreto para trabalhar na TV Globo, onde se torna o primeiro produtor executivo do núcleo de novelas.

Volta à produção, em longas de Cacá Diegues, Arnaldo Jabor, Gustavo Dahl, Fábio e Bruno Barreto, Walther Lima Junior, Hugo Carvana e Sérgio Re-

Rogerio Noel

Com Leila Diniz na filmagem de *Mãos vazias* (Fazenda Itatinga/Paraty, 1971)

zende. Em 1987, é a vez de homenagear a estrela e grande amiga, dirigindo *Leila Diniz*, estrelado por Louise Cardoso — sucesso de público e que arrebata vários prêmios em festivais, marcando sua carreira. No início da era Collor, a Embrafilme fecha, e lá vai nosso herói lecionar, entre 1992 e 1993, na Escola Internacional de Cinema de Cuba, inaugurada e mantida por Gabriel Garcia Márquez. "A Escola é um oásis dentro de um país que vive sob uma das mais antigas, sangrentas e repressoras ditaduras do mundo contemporâneo. Foi uma experiência inesquecível conviver com esses dois mundos paralelos", relembra.

Collor cai, e Bigode regressa ao Brasil. Em 1997, dirige, ao lado de Buza Ferraz, *For all - O trampolim da vitória* ("fala de como uma cultura vinda de fora pode transformar os costumes"), ao redor da presença dos militares norte-americanos em Natal, durante a Segunda Guerra. Com José Wilker, Betty Faria, Edson Celulari, Cláudia Mauro e Paulo César Grande, recebe vários Kikitos no Festival de Gramado. Cinco anos depois, roda *Viva sapato!* — uma coprodução com a Espanha, registrada no Rio e em Havana, evocando a experiência vivida em Cuba e suas semelhanças culturais com o Brasil. "O ponto em comum entre meus filmes está na preocupação com o elemento transgressor na sociedade brasileira", resume. Em 2007, é lançada sua biografia *Prazer & cinema*, pela *Coleção* da *Imprensa Oficial do Estado de São Paulo*, assinada por Alfredo Sternheim.

Foco na cultura brasileira

Bigode acumula no extenso currículo 30 documentários feitos acerca de grandes nomes da cultura brasileira, como o amigo Lúcio Cardoso (*Enfeitiçado*). "Ele marcou o meu trabalho e a minha vida. Teve um derrame em 1962 e ficou impedido de escrever. Com os dedos da mão esquerda, começou a pintar. O pintor estava dentro dele, esperando a sua hora — que poderia não vir, mas veio, escreveu Drummond apresentando a sua primeira exposição", reconstitui.

Entre outros, os curtas realizados envolvem seu mestre Nelson Pereira dos Santos, Cecilia Meireles, Ernesto Nazareth, Oduvaldo Viana Filho e João da Baiana (com Pixinguinha e Donga). E, ainda, o longa *Casa 9*, em torno da casa de vila em Botafogo que na ditadura militar se converteu num ponto de encontro de cineastas, escritores e músicos e espaço de criação de filmes e canções hoje célebres. "O crítico Rodrigo Fonseca, do Globo — pontua — definiu-a como 'um oásis nos anos de chumbo'. Ali aconteceram o Tropicalismo e o Cinema Novo. E foi onde escrevi com Clarice Lispector o roteiro de *O ovo e a galinha*".

João do Rio também integra a preciosa galeria, com *Vida vertiginosa*, uma adaptação de seus contos. "Sou um carioca típico, apaixonado, e dedico bastante do cinema que faço ao Rio de Janeiro, sua cultura, seus personagens. Amo o Rio, tenho orgulho da minha cidade, sou ufanista dependente (risos). E acredito que a mudança que está acontecendo aqui para melhor é irreversível. Não é mais possível permitir que a violência se sobreponha à beleza!"

Arquivo Pessoal

Em Los Angeles, Studios da Universal. Festival de L.A. com *For all* (1999)

Após seu último filme, *A mulher de longe*, lançado em 2012 e que ficara inacabado por Lúcio Cardoso, a fábrica de sonhos de Bigode continua a todo vapor. "Sigo realizando com prazer as oficinas que comecei há 15 anos no circuito de festivais da Universo Produção, em Tiradentes, Ouro Preto e Belo Horizonte. Escrevi o roteiro de *Introdução à música do sangue*, um argumento inédito que Lúcio deixou para mim. Encontrei parte dele no Museu da Literatura da Casa de Rui Barbosa e corro atrás de recursos para filmar. Os outros são *Nas escritas da vida*, sobre Dona Ivone Lara, e uma coprodução com Portugal, D. Maria, a louca — monólogo do dramaturgo brasileiro Antônio Cunha a respeito do processo de demência da rainha. Estou dirigindo e produzindo uma série para o Canal Brasil/Globosat, *Enciclopédia do samba*, em cima de grandes figuras vivas da nossa música, com apoio do Instituto Cravo Albin. E, ainda, produzindo um curta de Alisson Prodlik, sobre o escultor G.T.O., um mineiro de Itapecerica descoberto nos anos 1970 pela poeta Lélia Coelho Frota e que, mesmo presente nos principais museus e coleções particulares, permanece desconhecido. Na minha idade (67), não dá para ter apenas um projeto. O tempo não para, como escreveu Cazuza."

E conclui: "Fiz parte da revolução sexual e do desbunde, além de 12 anos de análise com o Eduardo Mascarenhas. Hoje transgressão para mim é comer um pedaço de torta alemã. Mas acredito que precisamos lutar, mesmo que individualmente, pela preservação do planeta, do meio ambiente — essas questões que nós, os hippies e anarquistas, brandimos há mais de 40 anos. Defendo uma área verde no Horto, atrás da minha casa, que está ameaçada de invasão pelo grupo que invadiu o Jardim Botânico, subscrevo as ações do Greenpeace e denuncio os atentados contra a liberdade de expressão eternamente ameaçada até hoje."

Milhazes anos-luz

por Olga de Mello

Cor, movimento, música, feminilidade, brasilidade, delicadeza: tudo isso já foi utilizado para definir os trabalhos de duas irmãs que se destacam em diferentes expressões artísticas, conjugando criações que trazem muito de uma história iniciada em Copacabana, onde moravam Bola e Bolinha. Estamos falando de Beatriz e Márcia Milhazes, ou como elas eram chamadas pelos familiares. É até redundância falar, mas as duas batem um bolão.

Tom Fecht

Beatriz Milhazes

Márcia Milhazes

Ilustração de Marcelo Pires sobre foto do balé Camélia

Lula Lopes

"Eu gostava de desenhar, mas não era muito boa, não. Márcia é que sempre dançou muito bem e soube transportar o talento da bailarina para a coreógrafa"

Beatriz Milhazes

O companheirismo da infância e da adolescência, quando a vida social girava em torno da praia de Copacabana, solidificou-se, mesmo depois que cada uma fez sua escolha profissional. A disciplinada Márcia, hoje com 51 anos, entrou jovem para o balé do Theatro Municipal e, nos anos 1980, depois de formar-se em Direito, mudou-se para Londres, onde graduou-se como mestre em estudos da dança e coreografia pelo Laban Center. De volta ao Brasil, montou sua companhia e começou a colecionar prêmios, como o Mambembe (1995) e o APCA (em 1999, como melhor coreógrafa, em 2001 e em 2004 pelo melhor espetáculo do ano). Entre os mais recentes está o de melhor coreógrafa no Festival Internacional de Novos Coreógrafos de Frankfurt, em 2010.

Enquanto Márcia vivia no exterior, Beatriz passava no vestibular de Comunicação. Concluiu o curso, mas jamais exerceu o jornalismo. Por sugestão da mãe, inscreveu-se na Escola de Artes Visuais do Parque Lage, participou do movimento Geração 80 - que buscava retomar a pintura contrapondo-se à vertente conceitual dos anos 1970 —, enquanto sua obra, com referências a padrões ornamentais, à art déco, chamou a atenção dos especialistas. Nos anos 1990, tornou-se artista visitante em universidades norte-americanas e teve quadros integrando acervos do Museu de Arte Moderna de Nova York (MoMa), entre outras instituições dos Estados Unidos. Na mesma época Márcia retornou ao Brasil para fundar sua atual companhia de dança, que agrega conhecimentos e ofícios da mãe e da irmã.

"Somos uma família pequena e bastante integrada. Em tudo há um pouco de todos nós, como a paixão pela música brasileira, que veio de meu pai. Minha mãe é daquelas mães sempre prontas a ajudar os filhos. Depois que se aposentou, passou a administrar a produção dos meus espetáculos, ficando, por vezes, responsável pela iluminação também. E Beatriz sempre fez os projetos cênicos para mim, mesmo sem jamais assistir a um único ensaio. Ela se baseia no que eu lhe digo que estou pesquisando ou pretendendo transmitir. O resultado sempre foi maravilhoso,

porque vem dessa sintonia. Ela não é só minha irmã, é minha melhor amiga", diz Márcia.

Beatriz confirma a estreita ligação com Márcia. Só se aventura na cenografia se for para as montagens da irmã. A última foi *Camélia*, em que cinco imensas instalações em móbiles traziam cerca de 900 elementos variados, entre eles cristais, flores e mandalas, sobre um assoalho pintado de dourado, aberto à visitação do público antes de cada sessão do espetáculo.

"O volume de detalhes nas instalações tiravam o fôlego dos espectadores, que se sentiram próximos da cena, parte da massa amorosa que compõe *Camélia*. O interessante é que esse mesmo material já havia sido desenvolvido por Beatriz para *Tempo de verão* (espetáculo que deu a Márcia o Prêmio APCA 2004 de dança), que também criou flores e mandalas, imagens que remetem ao onírico, ao diáfano e ao feminino. O que me encanta nesse trabalho e em quase todos o que fazemos juntas é que temos formações diferentes. A minha foi clássica, de bailarina do Municipal, enquanto Bia vinha do Parque Lage, sem o formalismo da Escola de Belas Artes. E mesmo trilhando caminhos variados, chegamos ao encontro harmonioso, sempre. Quando ela, generosamente, se propõe a criar algo para mim, tudo é perfeito, combinando com o que eu imaginava originalmente. Eu tenho um tremendo orgulho do trabalho de Bia, das narrativas que ela cria com a junção de pequenos elementos. Isso vem desde que ela era pequena, quando fazia desenhos geniais", afirma Márcia.

Beatriz Milhazes discorda da irmã. "Eu gostava de desenhar, mas não era muito boa, não. Márcia é que sempre dançou muito bem e soube transportar o talento da bailarina para a coreógrafa, graças à concentração e à disciplina que ela tem no trabalho. Ela fala da feminilidade, das angústias, dos dramas, das perspectivas humanas com um olhar de mulher integrada ao mundo. Seus espetáculos são diretos, de uma brasilidade sem invólucros", diz Beatriz, recentemente alçada ao incômodo título de artista brasileira viva mais cara da história, quando, em outubro, a tela *Meu limão*, de 2000, foi comprada em Nova York por US$ 2,1 milhões.

"Estabeleci uma carreira bastante linear, que, algumas vezes, apresenta picos e uma repercussão maior. Em 2008, uma obra minha foi comprada por um milhão de dólares. Mais do que o dinheiro, me interessa a valorização de um artista brasileiro contemporâneo. Isso abre atenção para toda a arte brasileira", diz Beatriz, que este ano terá um livro sobre sua obra lançado pela editora Taschen e volta a expor no Rio de Janeiro após 11 anos de intervalo. A retrospectiva de sua obra ocupará o Paço Imperial a partir de agosto.

A programação de Márcia para 2013 começa a ser delineada. "As artes cênicas não têm, no Brasil, ao menos, a mesma tradição de montar uma agenda com grande antecedência, como ocorre com as artes plásticas", observa. Até 2014, ela viaja com *Camélia* para apresentações em Paris, Lyon e Montpellier, na França, para Israel e para o programa paralelo da Bienal de Veneza.

"Os projetos surgem, às vezes, paralelamente. Atualmente estou montando outra peça, que tive de deixar de lado quando, em 2012, fui convocada para criar as coreografias da ópera barroca *Pigmaleão* no CCBB do Rio, ao mesmo tempo em que fazia *Camélia* em Brasília. Artista brasileiro tem que aproveitar as oportunidades de agenda mesmo. Já me acostumei a iniciar trabalhos, deixar de lado ensaios para ir ao palco com outro, que já estava planejado, mas que não havia saído por falta de patrocínio. A gente se prepara para o conflito de datas e segue trabalhando", diz Márcia.

Pra lá de babá, pra cá de ali

por **Vera de Souza**

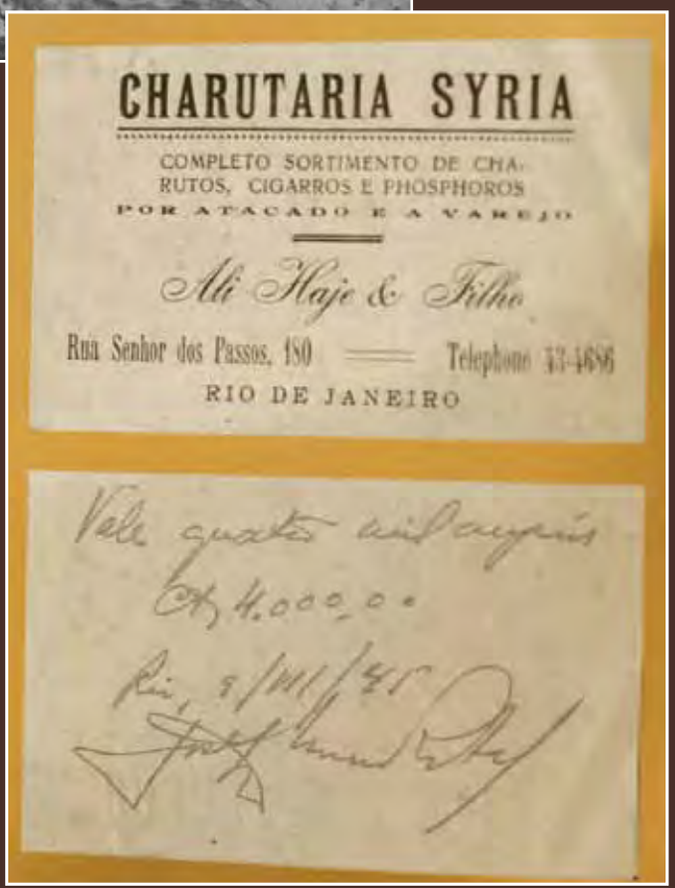
A imagem que se tem é a de um verdadeiro oásis em meio à ebulição da Saara. Bem ali no número 180 da rua Senhor dos Passos, encontra-se há 100 anos a Charutaria Syria. E a neta do fundador, a arquiteta Emne Al Haje, hoje à frente do negócio, é quem nos leva a conhecer a história da casa. Seu avô, Ali Haje, chegou ao Brasil fugindo dos conflitos do Império Turco. O relato é tão pitoresco que poderia ser roteiro para uma futura novela da Globo. Salve, Jorge!

"Como a maioria dos imigrantes, meu avô veio no porão de um navio, em busca de um país próspero, como o Brasil ou a Argentina." Já no Rio, o jovem Haje começou a vida como mascate, vendendo caixas de fósforo, fáceis de transportar e que exigiam baixo investimento. Logo o negócio prosperou e ele pôde montar sua loja nesse mesmo sobrado, onde vivia, no andar superior, com a família, que trouxe pouco depois.

Se durante muitos anos a Charutaria Syria conheceu o apogeu com a venda de cigarros e charutos, chegando a ser atacadista dos produtos da Souza Cruz para o Rio de Janeiro, hoje, com as restrições ao fumo, o foco da casa é outro.

"Aos poucos fomos expandindo, e há três meses inauguramos o bistrô no fundo da loja"

Emne Al Haje


CHARUTARIA SYRIA

COMPLETO SORTIMENTO DE CHA-
RUTOS, CIGARROS E PHOSPHOROS
POR ATACADO E A VAREJO

Ali Haje & Filho

Rua Senhor dos Passos, 180 — Telephone 23-4696
RIO DE JANEIRO

Vale quatro mil cruzeiros
Cr$ 4.000,00
Rio, 9/III/45

Emne e seu marido, o advogado e economista José Mauro, adaptaram-se aos novos tempos. "Primeiro criamos o café, mas sem perder as características arquitetônicas da charutaria, que é parte da história da cidade. Aos poucos fomos expandindo, e há três meses inauguramos o bistrô no fundo da loja. São poucos pratos, mas todos de excelente qualidade, e ainda temos uma pequena carta de vinhos", conta.

O esmero com as instalações é percebido logo que se entra. Os ladrilhos hidráulicos do piso estão lá, apenas com as marcas naturais do tempo, das idas e vindas dos clientes que por ali passaram. Quem chega se depara com um grande painel de mais de 80 anos, descoberto quando do restauro da casa. Os detalhes são muitos,

desde a bela claraboia que ilumina o ambiente, passando pelo balcão original, até as paredes descascadas. Ao frequentador habitual se junta, hoje, um cliente atípico, formado principalmente por turistas que estão descobrindo a cidade. Uns e outros param para um café acompanhado de algum acepipe, ou ainda, sempre ao som de uma música clássica cuidadosamente escolhida e um ar condicionado com temperatura ideal, tomam uma taça de vinho ou degustam um dos pratos do bistrô. Os cigarros e charutos ficam restritos a algumas embalagens antigas, expostas nas vitrines da casa. Uma verdadeira e saborosa viagem no tempo.

Teu nome é notícia

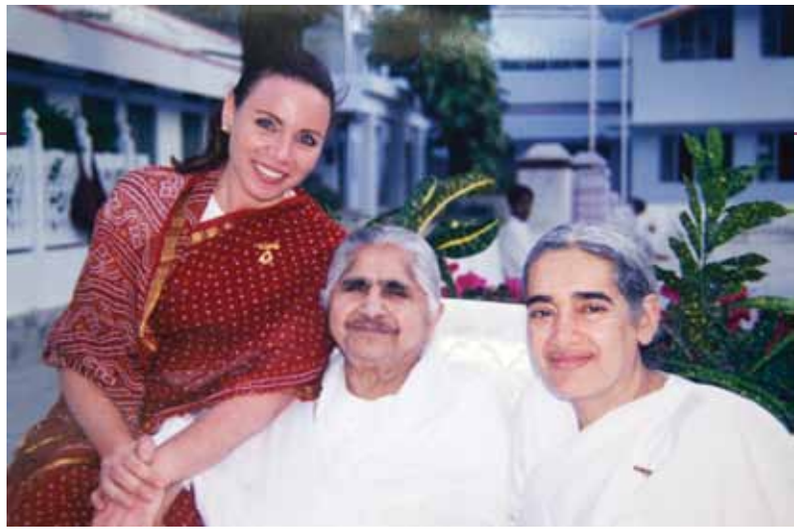
POR MÔNICA SINELLI

A voz modulada em um sotaque inconfundível não enganaria nem um ET. Essa, com biótipo alemão e tudo, é carioca sacramentada, de fato e de direito. Por trás da ruivice e dos atlânticos olhos azuis, bate um coração a caminho do mar, da mata – e de informações na boca do forno, claro. À maneira como apresenta a si própria diariamente na TV ao distinto público brasileiro, ela é Leilane Neubarth. Bem-vindos a esse encontro.

Dos bairros de Botafogo, onde nasce, e de Ipanema, no qual mora até os 15 anos, a filha do jornalista e publicitário César Teixeira e da fonoaudióloga Mara Neubarth Teixeira vai, muito contra a vontade, diga-se, fixar residência em Brasília. O pai resolvera trabalhar no Ministério da Agricultura. O desespero da adolescente para estar no Rio de Janeiro é tal que, acredite, junto com a irmã Gisele, faz a inacreditável ponte rodoviária capital federal/ex-capital federal/capital federal todo fim de semana.

Vida que segue, forma-se em jornalismo — vitorioso entre as opções advocacia e letras — pela UnB. "Sempre gostei de português e de argumentar. Em casa, me chamavam de ´banco de palavras´. Minha professora, ainda nos tempos de ginásio no Colégio Bennett, era ninguém menos que a mãe da poetisa Ana Cristina Cesar, D. Maria Luiza. Uma vez, dentro dessa disciplina, foi pedido que realizássemos uma entrevista com alguma personalidade. Simplesmente, procurei na lista telefônica o número de Jorge Amado. Naquela época, havia ocorrido um conselho de família para decidir se eu, depois de devorar vários livros dele, poderia ler *Tereza Batista cansada de guerra* — um conteúdo punk. Sinal verde, e uma grande emoção. Acho que daí veio a ideia de ligar, na cara de pau, para Jorge, com quem fiz minha primeira entrevista, aos 14 anos de idade", conta Leilane.

Começa a estagiar na sucursal da TV Globo em 1979. Contratada, entra na cobertura da agenda dos Ministérios. Os tempos são de declarações oficiais pré-moldadas ou, pior, de ´nada a declarar´ — frase cunhada por Armando Falcão na pasta da Justiça e que bem explicita a quantas



Leilane em três tempos: aos seis meses; na capa da revista *Domingo*, do JB, sob o tema Verão; e em retiro na Índia

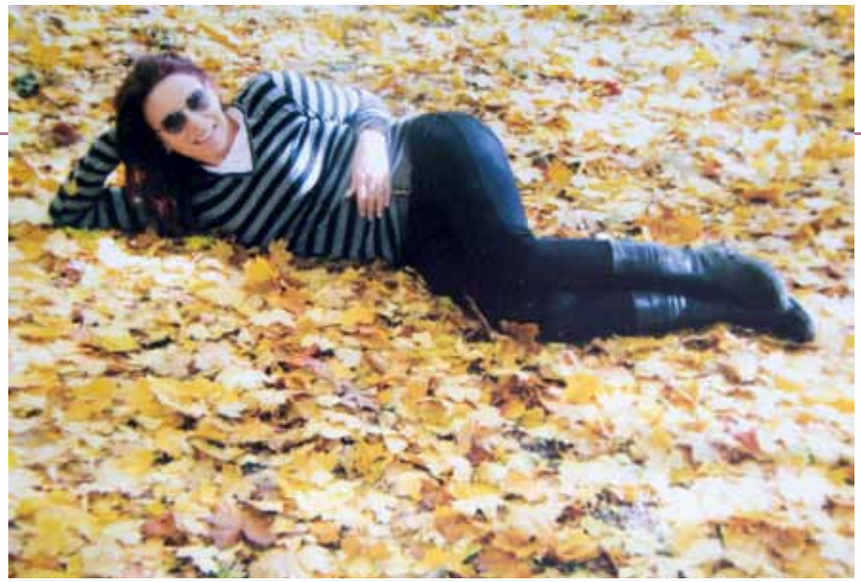
andam as lidas da imprensa. "Em Brasília, só tínhamos a política como pauta, que não ia além de assinaturas de convênios, formalidades. Percebi que ficaria marcando passo. Não existia o imponderável e, portanto, chance para crescer profissionalmente. Cansada dessa rotina, resolvi voltar ao Rio em 1982. Pedi emprego na própria Globo — porque não havia transferência, era como se fossem duas empresas diferentes. Assim que o diretor Armando Nogueira me contratou, aconteceu aquele grande incêndio, suspeito inclusive de criminoso, no Arquivo Nacional, no Centro. Me escalaram para cobrir, aí sim, o inesperado. Fui realizando matérias para o telejornalismo e ganhando confiança na casa."

Cabelo é como pensamento

Em meados de 1983, no sopro da abertura política, o Jornal da Globo passa por uma profunda reformulação. Após vários pilotos, Leilane é escolhida para compor a bancada com Eliakim Araújo — enriquecida pelos comentários de Jô Soares e as caricaturas de Chico Caruso. "Era algo extremamente moderno, de uma qualidade até então inédita. Além de apresentadora, eu atuava como repórter na área de cultura. Nesse período, a diretora, Alice-Maria, me pediu que fizesse escova no cabelo, para transmitir uma imagem comportada, na contramão do que os fios rebeldes pudessem sugerir — afinal, ainda vivíamos uma transição de regimes. Depois de

> "Na Índia, vivi um retiro muito especial, de meditação, e a busca da paz passou a ser uma coisa fundamental"

Terceira colocada no Rali Dakar, com André Azevedo e Klever Kolberg



"As coisas que considero verdadeiras vou, realmente, fazer, seja o que for, no campo profissional ou pessoal"

três meses, o jornal já com patrocinador, sucesso absoluto, falei para Alice: Não deu tudo certo? Não estou aprovada? Agora, solta o meu cabelo, porque não sou isso, me incomoda, me sinto presa. Não consigo me ver nessa pessoa que está na tela. Ganhei, então, um corte mais leve, porém, preservando os cachos naturais."

Com a força capilar seguindo livremente seu curso, Leilane, mesmo como apresentadora, permanece em coberturas especiais. No carnaval de 1984, desempenha a dupla função de repórter e integrante do desfile da Mangueira. "Naquela época, estreou o modelo de repórter-participativo, em que o profissional experimentava um envolvimento mais emocional em relação ao que ia documentar. A ideia era fazer uma matéria a respeito de como se sentia quem estivesse pisando pela primeira vez a passarela da Sapucaí, que havia sido inaugurada um ano antes. Foi a felicidade total, um delírio, porque sou mangueirense, e a escola se sagrou campeã com o enredo sobre Braguinha", relata a foliã pé quente.

"O rali é a vida condensada. Tudo está lá – frio, calor, fome, sede, euforia, excitação, pânico, resignação, solidariedade"

Reportagem em versão doméstica

O bichinho indômito da apuração em campo a faz, em 1987, retornar exclusivamente à reportagem, elaborando matérias para o Globo Repórter, Fantástico e Jornal Nacional. "Eu me sentia emburrecendo. Era muito nova e não escrevia mais. Não queria ficar na bancada todo dia. Disse à Alice-Maria que desejava sair. Ela ponderou que ninguém pedia para deixar a apresentação de jornal. Contra-argumentei que precisava voltar para a rua. E foi uma decisão ótima, viajei bastante; meus filhos, Rafael e Bernardo, cresceram acompanhando tudo isso. Eles brincavam que, a cada matéria que eu fazia, a casa inteira tinha que vivenciar o tema. Se o assunto era homeopatia, todos tomavam medicamentos homeopáticos; se comida natural, passavam a se alimentar dessa forma." Pronto: a impossível Leilane adaptara para o lar a versão filhos participativos.

A persistente inclinação para o experimento é responsável, em 1991, por uma passagem relâmpago pela TV Manchete, onde apresenta o

principal telejornal da rede. "Alice-Maria tinha ido para lá e me chamado. Como cria da Globo, senti a necessidade de saber que poderia trabalhar em outro lugar. A hora de arriscar era aquela. Ou então seria covarde, com medo de sair da barra da saia da mamãe. Precisava pagar para ver." Um ano depois, findo o contrato na rua do Russell, aceita o convite para reintegrar os quadros da emissora do Jardim Botânico e volta para os braços do Fantástico.

Em 1997, será a vez de o Bom Dia Brasil passar por uma reformulação geral, no propósito de constituir um balão de ensaio para o jornalismo do século 21. O formato inovador e mais desengessado, com liberdade para os apresentadores tecerem comentários, a recaptura para a climatização dos estúdios, ancorando o matutino na companhia de Renato Machado. O look encaracolado agora, por livre vontade da dona, torna a submeter-se aos caprichos da escova. "Achei que estava ficando com cara de hippie velha. Não se tratou de eu ter aceitado uma imposição da Globo, e sim de iniciativa própria", realça ela, que, em 2000, atua como mediadora do debate entre os candidatos à prefeitura do Rio e, três anos após, comanda o RJTV — 2ª Edição por cinco temporadas.

À época, a cidade vive um momento de pesada violência urbana. Leilane, na tentativa de abrandar a atmosfera domiciliar de seu telespectador, solta, pela primeira vez, ao encerramento, um "tenha uma noite de paz". A mensagem que surge de maneira espontânea — e vira bordão por um bom tempo — reflete o aprendizado adquirido numa viagem à Índia em 2002, por conta própria. "Foi um divisor de águas. Vivi um retiro muito especial, de meditação, e a busca da paz passou a ser uma coisa fundamental. O que move a minha vida e, consequentemente, a minha profissão, é a sinceridade. As coisas que considero importantes

"Agora, solta o meu cabelo, porque não sou isso, me incomoda. Não consigo me ver nessa pessoa que está na tela"

e verdadeiras vou, realmente, fazer, seja o que for, no campo profissional ou pessoal", acentua.

com a alma repleta de chão

O intenso fôlego que exibe no trabalho pode ser encontrado igualmente fora dele. Retrocedamos. Aos 19 anos, Leilane pede uma moto de presente à mãe. A resposta de D. Mara é fulminante: mais rápido e barato seria comprar um revólver. Paciência. A futura ás das pistas terá por si que juntar uns cobres até concretizar o sonho de transitar motorizada em duas rodas. Finalmente, em 1984, consegue cortar a brisa do Rio em cima de sua Honda XL250.

Logo, nos fins de semana, começa a desbravar trilhas pelo mato. Mas ainda não está de bom tamanho. A 1º de janeiro de 1999, sim, a coisa fica do jeito que tanto a piloto quanto a jornalista gostam: desafiadora no limite. Parte para disputar — e cobrir — a 21ª edição do Rali Paris-Dakar, que naquele ano sai de Granada. Quem mandou os experientes pilotos André Azevedo e Klever Kolberg, que já disputavam de carro uma das provas mais perigosas do mundo, chamarem, brincando, a motoqueira para concorrer na categoria caminhão — em que o Brasil participaria pela primeira vez? Brincando, logo com LN? "Tive que fazer autoescola e prova de direção específica para tirar a carteira de motorista de caminhão. E íamos mostrar, pioneiramente, a competição de dentro, pois até então só recebíamos o que vinha pelos satélites, sem poder exibir um ponto de vista próprio. O rali é a vida condensada. Tudo está lá — frio, calor, fome, sede, euforia, excitação, pânico, resignação, solidariedade. E muitas dores permanentes pelo corpo todo, devido à trepidação nas pedras." A ousadia compensa: o trio fica em terceiro lugar. E Leilane torna-se a única latino-americana a integrar o torneio.

O número secreto da quantidade de banhos, como minimamente os conhecemos, logrados a duras penas no período de 25 dias, ela só revela nas internas. Dentro de princípios corporativos, manteremos em sigilo a estarrecedora informação estatística ouvida em off. Mas o caminhão brasileiro foi o campeão indiscutível no quesito "mais cheiroso", graças às toneladas de toalhinhas umedecidas de neném e lavandas que nossa intrépida representante incluiu na bagagem. Correndo corajosamente sobre montanhas pedregosas, Leilane — que relata a saga no livro Faróis de Milha (Objetiva) — leva o conceito de repórter-participativo ao extremo.

Algum medo nessa vida? Só de sapo, esse feroz e implacável inimigo, mais poderoso que as inóspitas paisagens desérticas da Europa e da África. LN analisa sua trajetória: "Guardo o privilégio de ter vivido um momento fundamental para o jornalismo brasileiro. Comecei a trabalhar durante a ditadura e acompanhei todo o processo de mudança política, que garantiu a liberdade de expressão, e, também, de revolução tecnológica — das reportagens gravadas em filmes até os atuais discos óticos. O caminho percorrido representa a maior alegria: testemunhar a história e poder contá-la."

Atualmente, Leilane pode ser vista — com cabelos cacheados, porém, "domados", conforme enfatiza, dentro do que Míriam Leitão celebra como o resgate do "Projeto Raízes" — apresentando o Jornal da Globonews edição das 18h e o Arquivo N da emissora. E, também, a bordo de uma poética scooter amarelinha nas curvas da Cidade Maravilhosa. Ou, ainda, pedalando na Lagoa e no Aterro e correndo na praia — na areia fofa, por causa dos pinos no joelho, herança deixada pela moto. Em todas as frentes, sempre mirando novas aventuras. Por isso, ela corre demais.

Solidão, que nada

ensaio fotográfico de

MARCELO CARNAVAL

MARINA

Que mistérios tem Mourão?

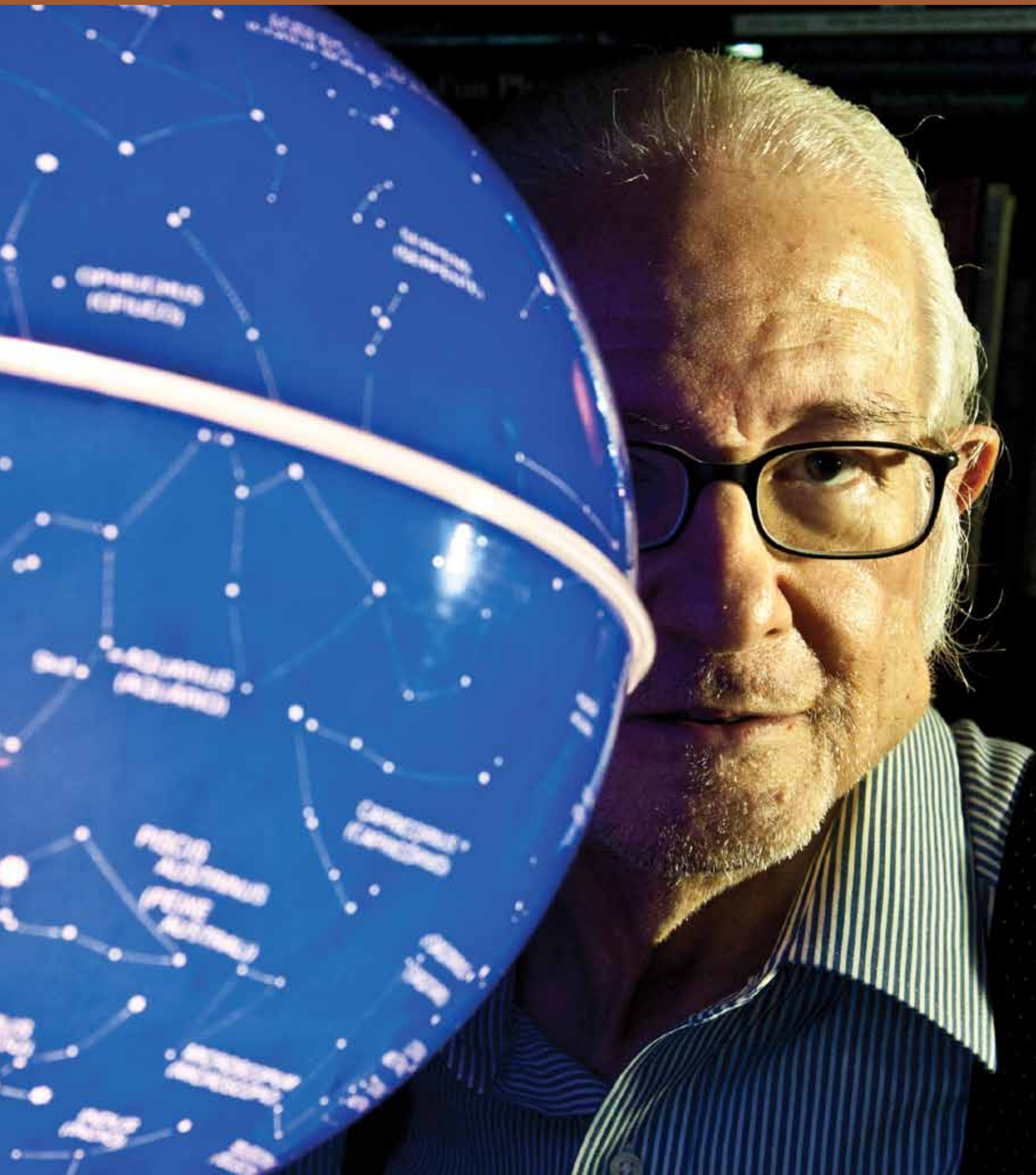
por Rogério Daflon

"Poetas, seresteiros, namorados, correi. É chegada a hora de escrever e cantar, talvez, as derradeiras noites de luar." Os primeiros versos da canção *Lunik 9*, de Gilberto Gil, alertavam em 1967 sobre as consequências da Guerra Fria na luta pela conquista do solo lunar. Desse contencioso sideral, o que sobrou mesmo foi a convicção de que a lua é dos namorados. E o firmamento, do astrônomo Ronaldo Rogério Mourão, que há décadas zela pelo relacionamento íntimo e carinhoso do Rio de Janeiro com o céu e todas as suas estrelas.

"Foi a partir dos anos 1970 que a poluição passou a diminuir o campo de observação de quem ama olhar o céu", recorda ele.

A paixão de Ronaldo Rogério é hereditária. Sua mãe, em 1910, viu com grande emoção a passagem do brilhante cometa Hallley. Dona Maria Dolores ficou tão maravilhada que não deu bola para as notícias de que alguns elementos químicos venenosos do Halley poderiam contaminar a população terráquea. Os relatos da mãe sobre aquela aparição, somados à leitura da ficção científica do francês Julio Verne, levaram-no a seguir

Mourão com 5 anos



Observando o céu com a tradicional Cooke and Sons, equatorial de 46 cm, no Observatório Nacional, em 1963

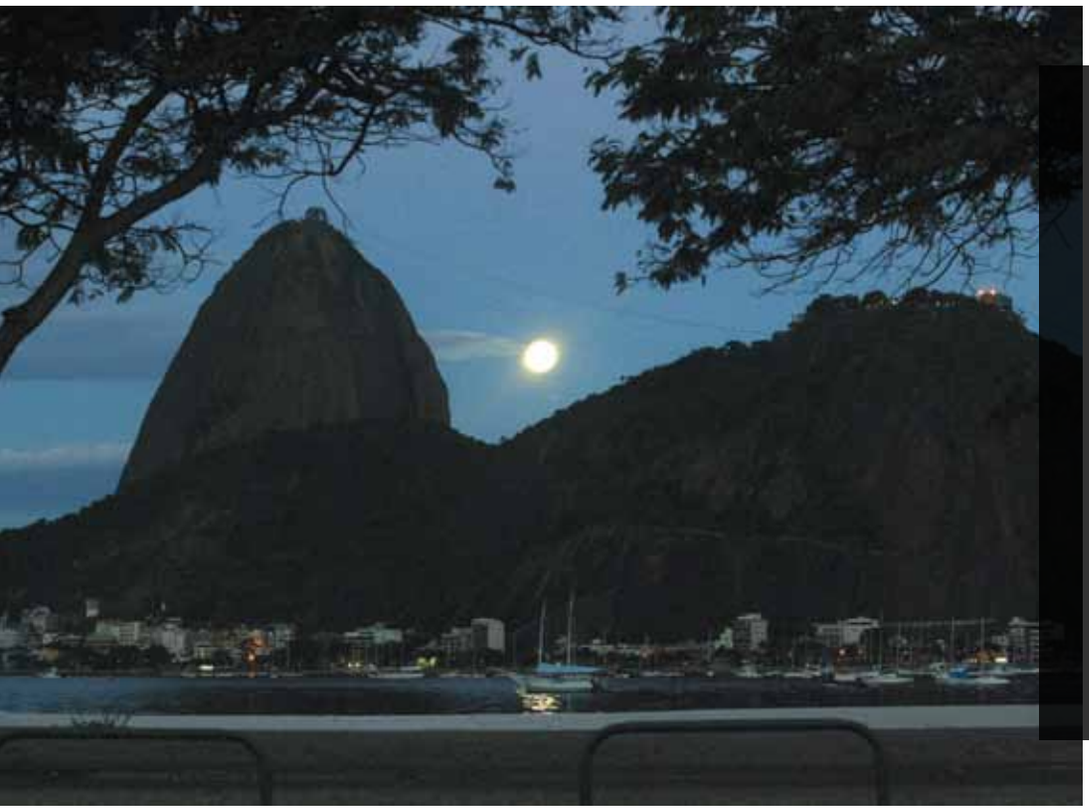
No dia 26 de maio de 2005, Mourão recebeu o Prêmio de Cultura e Paz da SGI – Soka Gakkai International, Tóquio

uma profissão incomum à época. Antes mesmo de se formar em física e depois se especializar em astronomia, ele fez plantão para observar o eclipse do Sol de 20 de maio de 1947. Choveu muito naquele dia, e nada, nada de eclipse. A frustração, contudo, seria mais que compensada com a intimidade que iria ganhar com o céu dali por diante. "Não vi aquele eclipse, mas tenho todas as reportagens daquele grande acontecimento pós-guerra", diz Ronaldo Mourão, autor do *Dicionário Enciclopédico de Astronomia e Astronáutica*, da Nova Fronteira, com 20 mil verbetes e amplamente ilustrado.

Mourão diz que há imagens no Rio em que a beleza natural da cidade e um céu repleto de estrelas se misturam. "Os melhores pontos de observação são o Pão de Açúcar e o Cristo Redentor. Certa vez fui com Lulu Santos no Pão de Açúcar para ver o céu. O interesse dele por astronomia me levou a conhecê-lo", conta o astrônomo, que foi fundador e diretor do Museu de Astronomia do Rio, em São Cristóvão.

A trajetória de Mourão inspirou também

"Quando você estuda o cosmo, você percebe a sua pequenez diante do universo"



"Quando alguém vai ao Cristo Redentor para observar o céu, o melhor é ir para o ponto menos iluminado. O mesmo raciocínio serve para o Pão de Açúcar"

alguns astrônomos cariocas. Jorge Marcelino, do Planetário da Gávea, diz que, em termos de divulgação científica e da própria profissão, Mourão está colocado no topo de qualquer lista. Para Marcelino, o mestre está certo em combater a poluição, a fim de proporcionar ao carioca um céu à altura da paisagem da cidade. Mas, enfatiza ele, há outros fatores. "Quando alguém vai ao Cristo Redentor para observar o céu, o melhor é ir para o ponto menos iluminado. O mesmo raciocínio serve para o Pão de Açúcar." Enfim, quanto mais escuro, melhor.

Marcelino sonha com um Brasil com a mesma cultura astronômica do Chile. Lá, o Observatório Europeu do Sul — uma organização intergovernamental de pesquisa em astronomia composta por 15 países — opera seus três maiores observatórios no deserto de Atacama. "Mas por todo o Chile há pontos sem tanta luz, com o intuito de melhorar a observação do céu", diz Marcelino.

Já na cidade dos Jogos Olímpicos de 2016, o Planetário da Gávea oferece telescópios ao público para ver o céu carioca. Devido à poluição, Marcelino brinca ao dizer que o melhor lugar para se observar o céu é no estado do Rio, mais precisamente em alguns lugares mais escuros de Teresópolis. Seja como for, os astrônomos cariocas tão influenciados por Mourão apostam que quem começar a observar os detalhes do céu não vai mais deixar de fazê-lo. "Você consegue observar a sombra da parede das crateras da lua, ver a beleza do planeta Júpiter, os conglomerados de estrelas..." Marcelino tem um universo de motivos para que todos olhem mais para cima.

Mourão, entretanto, vê uma razão fundamental para que todos deem mais atenção ao espaço sideral. "Quando você estuda o cosmo, você percebe a sua pequenez diante do Universo. As chances de você ser uma pessoa mais humilde e de não querer passar por cima de ninguém são muito maiores."

Música e comunicação corporativa podem ser uma coisa só.

Tudo depende de quem toca o instrumento.

Insight

Rio de Janeiro • Rua Sete de Setembro, 71 - 14º andar • Centro • Rio de Janeiro, RJ • CEP 20050-005 • Tel: (21) 2509-5399
São Paulo • Rua Bela Cintra, 746 - Conjunto 71 • Consolação • São Paulo, SP • CEP 01415-002 • (11) 3284-6147

www.insightnet.com.br

No tempo das tesouras

por Luciana Neiva

A sensualidade carioca já foi cantada da cabeça aos pés. De fato, o charme das mulheres que deslumbram meio mundo nas praias e ruas do Rio pode ser medido até em suas madeixas. Sempre foi assim. Não só porque a natureza é bela na cidade, mas porque ela reúne grandes cabeleireiros, verdadeiros artistas na ourivesaria do fio capilar. Desde os anos dourados, os salões recebem celebridades, socialites e as musas de verão. Melhor não se estender mais e usar uma paráfrase do slogan eterno do cineasta Glauber Rocha: "uma câmera na mão, uma ideia na cabeça." No caso do Rio, um corpo bronzeado e um penteado charmoso na cabeça.

Marina Montini

No Copa, o coiffeur Jean-Marc Guglielmi foi quem ditou as regras por muito tempo. Ele dirigiu o salão do hotel por 32 anos. Perto dali, muitos outros cabeleireiros fizeram sucesso, como o Marité e o Femme, que existe até hoje, mas com um perfil diferente. No Leblon e, depois, em Ipanema, era Jambert quem atraía todas as socialites. "Era uma época em que a mulher se arrumava de verdade. Todas as minhas clientes tinham um aplique na bolsa! E elas nem lavavam o cabelo em casa, era no salão mesmo. Chegavam cedinho", conta Wilson, com 35 anos de profissão, que atualmente está na Maison Esmell, em Ipanema.

Nos anos 1960, o topete feminino era o must. Aparecia nos rabos de cavalos, no coques, todos altos, no topo da cabeça. As moças usavam muitos acessórios, como tiaras e apliques. A boate Meia Noite, do Copa, onde cantavam Doris Monteiro e Nora Ney,

Esmel e Wilson

Jambert

Sylvinho ficou conhecido como o "cabeleireiro das estrelas". Na sua agenda, havia nomes como Betty Faria, Sandra Bréa, Elke Maravilha, Yoná Magalhães e Marina Montini

entre outros, era onde as mulheres exibiam o trabalho de seus mestres das escovas. Muitas tinham em Brigitte Bardot uma estrela a inspirar os penteados.

Na virada para os anos 1970, surgiu o famoso penteado pigmaleão. Ganhou esse nome graças à novela *Pigmalião 70*, da TV Globo, com Tônia Carrero no papel de Cristina, uma dona de salão que tem o cabelo todo cortado em camadas, bem voluptuoso, revolto e extravagante. Virou febre. Todas queriam igual. Os looks desse período eram sexies e femininos ao mesmo tempo. "As novelas influenciavam muito", lembra Esmell, dona do salão que leva seu nome e que, por muitos anos, esteve ao lado de Jambert.

Um expert nesse tipo de look foi Sylvinho, que ficou conhecido como o "cabeleireiro das estrelas". Foi ele quem ficou responsável pela imagem da modelo Veruska — estrela de *Blow-Up*, sucesso de Antonioni, de 1966 — quando ela esteve no Rio. Veruska usava o que chamavam de penteado Leone. Mas era no salão do espanhol Jambert Garcia, o mais badalado no Rio dos anos 1970, repleto de tapetes persas e lustres de cristal, onde trabalhava, que Sylvinho recebia as mulheres mais importantes da sociedade e do meio artístico carioca. Na sua agenda, havia nomes como Betty Faria, Sandra Bréa, Elke Maravilha, Yoná Magalhães e Marina Montini.

Com o fim dos anos 1970, a carioca entrou numa fase naturalista. Passou a ser démodé frequentar um salão de beleza por horas e mais horas. Os penteados não eram mais tão frequentes. Mas existe hoje um movimento de resgate desse glamour e muitas moças optam por penteados retrôs para irem às festas.

O cuidado com a beleza, no entanto, não terminou. As celebridades que dão o colorido ao Rio fazem de seus salões uma eterna festa, ditando moda e tendência para o resto do país. É o que acontece no Care, instalado em uma bela casa em Ipanema, onde entram e saem as mulheres mais

bonitas da cidade. Lá, Mauro Brettas, que corta o cabelo da Xuxa, estrela da TV, afirma que o Rio sempre foi um celeiro de mestres da tesoura e da escova. "Além de Jambert, tivemos Carlos Armando, um craque, e agora o Gusmão, predileto de Luiza Brunet, que veio de São Paulo e se estabeleceu no Rio. Brettas festeja um renascimento de seu ofício e a volta das mulheres aos salões. Para ele, os novos penteados não anulam os antigos. "Gosto muito das torres no alto da cabeça. A Jeniffer Lopes usa muito e fica muito interessante. Cabelo retrô, cabelo moderno, cabelo mais louco, todo esse universo é muito encantador", diz.

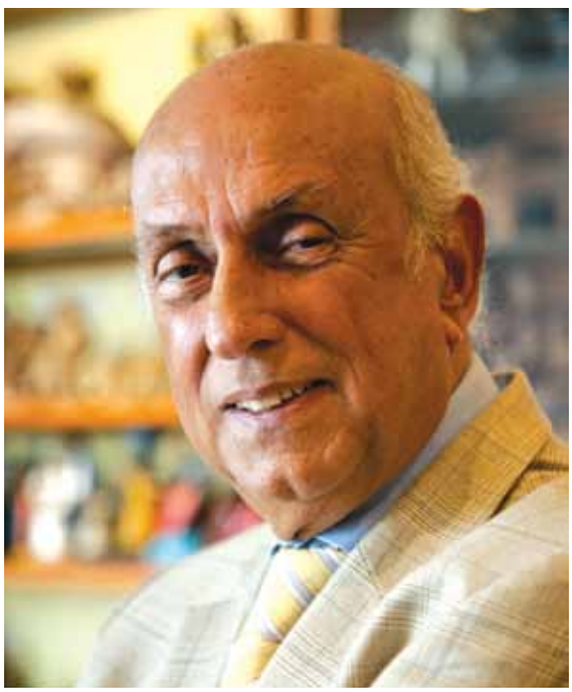
O universo dos cabeleireiros é tão vasto que há alguns textos primorosos sobre o tema. Um deles, ainda não publicado, já está em forma de livro com um título para lá de sugestivo. "Qual é o pente que te penteia", do gaúcho Erni Bujes Garcia, morto há dois anos, mas cujo salão na praça General Glicério permanece até hoje tocado pelo sócio Waldo. Erni, que estudou o que fazia a cabeça das mulheres cariocas desde o século XIX, costumava dizer algo bem-humorado, mas que tem um quê de verdade: "Às vezes acho o cabelo mais importante que um vestido."

"Cabelo retrô, cabelo moderno, cabelo mais louco, todo esse universo é muito encantador"

Mauro Brettas

Aplausos para a arte

João Maurício de Araújo Pinho
Advogado tributarista e membro do conselho do Museu de Arte Moderna (MAM Rio)



Sou carioca de Laranjeiras, e a casa onde nasci, e também minha mãe, na rua Marquesa de Santos, abriga, hoje, parte da minha coleção de arte popular brasileira. Quero transformar o espaço em um museu dedicado a essa arte tão rica.

Comecei a minha vida profissional no Direito Tributário, quando este surgiu, lá pelos anos 1960, mas logo observei que, apesar de gostar muito, essa era uma área muito material. Ou seja, se ficasse só com isso, seria uma árvore onde só cresceria um galho. Como sempre tive uma inaptidão física para o esporte, fui buscar algo de que gostava muito, trabalhar com cultura. Comecei no Museu Histórico do Estado do Rio de Janeiro, popularmente conhecido como Museu do Ingá. Pude criar ali o museu-escola, com oficinas de gravura, ministradas por Anna Letycia, e de escultura, por Mauricio Bentes. Foi um sucesso, pela qualidade dos profissionais. Veio depois o desafio de presidir a Casa França-Brasil. Digo isso porque não se sabia qual o perfil da Casa. Por fim, decidiu-se por torná-la um espaço de excelência, trazendo grandes exposições, não necessariamente francesas.

Estive, ainda, na Casa de Rui Barbosa e na Biblioteca Nacional, até encarar o grande desafio de ir para o MAM Rio. Foi um momento difícil. O museu estava prestes a fechar; devia R$ 8 milhões e tinha se afastado da comunidade (cineastas, artistas plásticos etc.), que cobrava muito, porque amava o museu. Mas revertemos esse quadro e demos continuidade ao projeto original; construímos o teatro e abrimos o restaurante. E com os recursos advindos dos eventos, conseguimos um conforto financeiro para o MAM. Todas essas experiências foram muito boas.

Neste momento o Rio de Janeiro descobriu a cultura e está reconhecendo-a como uma incentivadora da atividade econômica. Além disso, ela em si mesma traz a necessidade de especializações profissionais de alto valor agregado. Serão necessários restauradores, técnicos de várias áreas e administradores. Fazer o museu é o mais fácil, mas duas coisas devem ser lembradas: ele tem que ser autossuficiente e não achar que o Estado tem que custeá-lo, até para não perder sua autonomia cultural. E é sempre possível fazer isso. A função do Estado é auxiliar na criação de um museu, e só. O segundo ponto é conseguir que o museu seja mais do que uma visita. O desafio agora é transformar o museu num lugar de permanência, onde as pessoas fiquem depois de ver uma exposição.

O Rio tem hoje uma arte das mais elaboradas do mundo, o grafite. Ela é a expressão da cidade, a voz do povo, o arauto moderno. Pena que ainda não é bem aceita, mas isso é reflexo do que não é entendido. Eu abriria mais espaço para essas manifestações que representam a arte mais democrática que existe.

Cliente SulAmérica Auto já entra no shopping ganhando desconto.

Agora, cliente SulAmérica Auto tem desconto para estacionar em 33 estacionamentos da maior rede de shopping centers do Brasil, a BRMALLS. São mais de 70 mil vagas disponíveis. Aproveite mais esta grande vantagem que o Seguro Auto SulAmérica oferece para você.

Acesse sulamerica.com.br/estacionecomdesconto
e confira a lista completa dos shoppings participantes e o regulamento.

nbs

Consulte seu corretor de seguros.

SulAmérica

associada ao ING

Hoje,
até naquele lugar
que você nem imagina
tem um Bradesco.
70 anos
Há 70 anos, o Bradesco é presença por você.
WMcCANN | BRADESCO
mapa
Bradesco
Fone Fácil Bradesco: 4002 0022 / 0800 570 0022
SAC – Alô Bradesco: 0800 704 8383
SAC – Deficiência Auditiva ou de Fala: 0800 722 0099
Ouvidoria: 0800 727 9933
bradesco.com.br
twitter @Bradesco
Curtir facebook.com/Bradesco
Bradesco